

Editorial

Ao longo dos últimos anos *Educação & Sociedade* tem publicado, de modo sistemático, artigos sobre as complexas relações entre práticas e políticas educacionais, por um lado, e as gigantescas mutações socioeconômicas que transtornam o mundo neste fim de milênio. Nossos volumes têm sido quase que obsessivamente freqüentados por temas como analfabetismo funcional, qualificação, relações entre educação e transformações no mundo produtivo.

Também nessa mesma direção, nosso leitor pode verificar que, desde seu número 56 (dezembro de 1996), *E&S* presta contas das atividades de pesquisa do CEDES, centradas exatamente no projeto “Ciência e Tecnologia, Qualificação e Produção”.

Neste número, dando continuidade a essa linha editorial, publicamos artigos que voltam a focalizar essa problemática. Entre os artigos, Elba Barreto aponta virtudes e limites do programa de capacitação à distância para docentes do ensino fundamental, coordenado pelo Ministério da Educação e Cultura do Brasil (MEC). Em detalhado e polêmico artigo, Celso Ferretti focaliza a formação profissional e a reforma do ensino técnico, analisando criticamente, em particular, as proposições recentes de órgãos governamentais (Ministério da Educação e Ministério do Trabalho), apresentadas sobretudo no documento *Reforma do Ensino Técnico*.

O exame de Ferretti – centrado nas relações entre formação geral e formação específica e nas mudanças no ensino médio – parte de duas advertências iniciais. Em primeiro lugar, apela ao cuidado para com leituras apressadas das transformações em curso (notadamente a propalada substituição de paradigmas no mundo produtivo) – chamando atenção para as pesadas conseqüências políticas derivadas dessa pressa.

Em segundo lugar, afirma a necessidade de relativizar as ligações entre tecnologia e qualificação, ponderando os limites das relações causais, diretas e lineares, entre progresso técnico, inovações tecnológicas, mudança nos conteúdos e processos de trabalho e qualificação profissional. Também o estabelecimento acrítico de tais relações tem consequências práticas bastante graves e altamente questionáveis.

Chamamos ainda atenção para outro aspecto destacado explicitamente por esse polêmico artigo: o papel central atribuído aos recursos humanos no processo de adoção e implantação dos paradigmas que se assentam sobre o binômio flexibilidade e integração.

Curiosamente, lembra Ferreti, a importância atribuída à educação é com frequência reafirmada pelo negativo: os diagnósticos sobre a baixa qualidade da educação básica. A educação é, muitas vezes, apontada, em estudos acadêmicos ecoados na mídia, como culpada pelo atraso, pela pobreza e pela “baixa competitividade”. Simetricamente, é apontada como a virtual responsável pela promoção do desenvolvimento econômico, a distribuição de renda e a elevação dos padrões de qualidade de vida. Não nos parece abuso lembrar que há milhares de anos somos chamados a comprar essas duas mercadorias casadas: sentimento de culpa e promessas de redenção.

Não se trata de negar a desejabilidade da universalização do ensino, nem a melhoria de seu nível, mas de questionar a expectativa que se associa a tal política: a “falsa expectativa de que à maior escolaridade e à maior capacitação profissional correspondem, necessariamente, maiores e melhores oportunidades no mercado de trabalho”. São indevidamente conferidos ao sistema educacional poderes que dependem, em ampla e decisiva medida, de aspectos estruturais do mercado. Talvez ainda mais grave ainda é o efeito da tentadora e ambígua noção de “empregabilidade”, que implica transferir ao trabalhador a responsabilidade pela não-contratação, isto é, em última análise, pela não existência do posto de trabalho... um horror ideológico que um livro recente, de Viviane Forrester, identificou com cores tão fortes no *Horror econômico* de nossos dias.